

QUESTÕES INDÍGENAS NO ESPORTE AUSTRALIANO¹

Colin Tatz

Australian National University, Canberra, Australia

Resumo:

Aborígenes da Austrália, que se pensava ser uma raça condenada a viver na Idade da Pedra, hoje merecem atenção por seu trabalho artístico, na música e na dança, sua escrita e acima de tudo, talvez, por suas realizações esportivas. Enquanto indicadores como mortalidade infantil, expectativa de vida, desnutrição, pobreza, alta taxa de desemprego, de prisão e de abuso afetam suas vidas diárias, o esporte tem sido um caminho para o reconhecimento e até para a bajulação, especialmente nos estádios esportivos de futebol australiano, rúgbi, boxe e campos de hóquei. Aborígenes em áreas rurais e remotas têm pouco acesso a facilidades esportivas, a despeito do fato de o esporte não apenas melhorar vidas e manter a saúde, mas diminuir as altas taxas de suicídios de jovens.

Palavras-chave: Esporte. indígenas. Austrália.

Introdução

A Austrália branca sempre diferenciou os aborígenes numa escala “d” decrescente como diferentes, distintos, divergentes, desordenados, discordantes e discrepantes. Porém, eles têm sido vistos essencialmente como “outros” – não somente diferentes em qualidade, mas *outro tipo de humanos*. Eles foram tratados dessa forma por um longo período desde o começo da colonização branca, em 1788. Desde as primeiras classificações anatômicas de formas humanas no século XIX, a partir daquelas divisões (agora) aparentemente ridículas de “raças” entre aqueles com cabelos lanosos, ondulados, lisos ou loiros,

¹Publicado originalmente In: GEORGAKIS, S.; RUSSEL, K. (eds.). Youth sport in Australia. University of Sydney Press, 2011, p. 133-148. Traduzido com autorização do autor pelo Centro de Excelência Empresarial Ltda-Me (Cetur). Revisão: Cleber Dias.

com nariz largo ou convexo, de pessoas brancas, vermelhas, amarelas, marrons e negras, com os tipos de crânio braquicéfalo ou dolicocefálico, os “australoides” foram deixados de lado (e eles permanecem assim, como veremos). A fascinante ciência da craniologia declarou que a capacidade cúbica média do crânio do aborígene era significativamente menor do que a do perfeito crânio “caucasiano”, assim afirmando o destino biológico dos aborígenes, seu primitivismo, paganismo e posicionamento no *ranking* da humanidade.

Os primeiros oficiais e condenados da Austrália não precisaram de lições de biologia e anatomia para chegarem à aversão, desdém e, ocasionalmente, desrespeito pela humanidade dos nativos. Isso se deu apesar dos decretos do Escritório Colonial Britânico para que fossem mantidas relações amistosas, para não perturbar as terras aborígenes, para fornecer alimento, abrigo, “alívio e assistência médica gratuita” a eles (DUNSTAN, 1966, p. 315-316). Os recém-chegados, incluindo os missionários cristãos, os viram e os desprezaram de diversas maneiras: odiosos, “quase não humanos”, “hediondos” de se ver, “a um passo da infâmia, “corrompidos pelo sexo”, “pecados contra a criação, “animais selvagens, “repulsivos”, “vermes” e “irritantes” (TATZ, 1999, p. 15). De forma insensata, tornaram-se genocidas, principalmente através do assassinato e da transferência forçada de suas crianças para a sociedade dominante, o que era parte da fantasia eugênica para facilitar o desaparecimento da raça aborígene.

O fator respeito

Há quase 40 anos comparei a política de raça na Austrália, Nova Zelândia, Canadá e África do Sul. Digamos que havia e há ainda uma correlação direta entre a extensão dos direitos indígenas e o nível até onde os povos nativos lutaram, ou estão lutando, contra a sociedade dominante (TATZ 1972, p. 19-20). Nomeei essa correlação de “o fator respeito”: quanto mais respeito, mais direitos. Respeito não tem que significar afeição por; ele pode ter o atributo negativo do medo, mesmo o ódio. Isso significa que as pessoas implicadas são “pessoas que contam”, devem ser levadas em conta e não relegadas ou confiadas ao *status* de não pessoas. Mesmo nos piores anos do *apartheid*, os negros sul-africanos eram considerados pessoas que contavam em virtude dos seus números, proezas militares, organização social e política, pecuária e agricultura. Os maoris, como guerreiros tribais, soldados moder-

nos, bons agricultores e poderosos jogadores do religioso rúgbi mereciam respeito. Menos do que eles foram os índios e inuítes do Canadá e – talvez até as últimas duas ou três décadas – muito menos os aborígenes, as pessoas apropriadamente descritas como a minoria mais completamente conquistada na história ocidental (ROWLEY, 1970, p. 2-9).

A marca da política e administração aborígene, ao menos até a década de 1970, foi a de que eles eram tratados como mudos, maleáveis, movíveis, infantis e inocentes; visto que não havia uma (óbvia) resistência audível ou visível pelos meios que conhecemos (como marchas de protesto, greves ou violência), eles pareciam aquiescentes sobre tudo o que era feito contra ou para eles. Por quase um século, os aborígenes foram administrados nas premissas “científicas” de homens como o Professor Baldwin Spencer, biólogo e administrador do futebol australiano, que se tornou o protetor-chefe dos aborígenes no território Norte: “O aborígene é, de fato, uma mistura muito curiosa: mentalmente, no nível de uma criança que tem pouco controle sobre seus sentimentos, passiva de entregar-se às características violentas do temperamento [...] Ele não tem senso de responsabilidade e, exceto em casos raros, não tem iniciativa” (SPENCER, 1913). Os pobres, ele escreveu, nem mesmo imaginam que eles poderiam fazer roupas de pele de canguru e, crucialmente, eles não praticavam a agricultura ou domesticavam animais. A comodidade da terra, e concomitantemente o trabalho vindo dela ou aproveitado dela, foi o que o filósofo do século XVIII John Locke considerou a encarnação da civilização: *ergo*, os aborígenes caçadores e colhedores não eram civilizados e permaneceriam assim até que eles entendessem o nosso conceito de propriedade.

O que mudou desde que escrevi isso em 1972 foi que os aborígenes têm lutado duramente em três áreas-chave: a) na política do direito à terra; b) na aquisição de algumas propriedades realmente muito significativas por todo o continente; c) em muitos estágios culturais, aqui e no exterior, especialmente no campo dos esportes. Eles se tornaram um povo ambíguo, ferido e racialmente denegrado, mas frequentemente considerado digno, de virtude e de valor.

Ambiguidade na política de raças

A ambiguidade é a estratégia principal nas ciências políticas e na administração pública. Ela possibilita que os candidatos políticos expressem visões em tópicos difíceis sem aparentarem estar de um lado ou de outro. Dar voltas, atribuir significados múltiplos e dúbios encorajam os ouvintes a ouvir o que eles querem ouvir. A ambiguidade tem consequências mais sérias na administração. Esse é um método burocrático de lidar com as crises – um adiamento tático, difundindo a responsabilidade, evadindo a contabilidade direta, criando um sentido temporário de equívoco, de enigma, de perplexidade e de falta de clareza. Sir Humphrey Appleby, na erudita série de televisão *Yes Minister* da década de 1980, foi a apoteose da ambiguidade.

A ambiguidade aborígene tem sido cruel. Os aborígenes eram considerados um povo, mas não pessoas. Eles eram *ferae naturae*, animais selvagens e, portanto, as cortes viriam a considerar suas terras com *terra nullius*, uma terra não habitada, onde os colonizadores chegaram. Mais tarde, eles se tornaram parte da nação – na frase da acadêmica especializada no estudo do genocídio Helen Fein – embora estivessem fora do “universo de obrigação” da nação, sendo, portanto, dispensáveis. Para alguns propósitos legais, eles eram cidadãos, mas num senso prático, não cidadãos em grande parte de suas vidas diárias. Eles estavam sujeitos à “majestade” da lei, ainda eram e são, na prática, desprotegidos de seus direitos elementares (como será discutido adiante). Leis duras e especiais aplicadas somente a eles num sistema legal separado (e inabalável). Eles foram apartados dos pais porque “não importa o quão frenético o pesar iminente (de uma mãe) pudesse ser na época [...] elas logo esqueceriam sua prole” (GALE, 1909, p. 9). Eles eram assunto britânico, ocasionalmente protegidos por leis especiais e severo isolamento geográfico para salvá-los das pessoas que, sem ordem particular, queriam matá-los, apoderar-se de suas crianças, tomar suas mulheres e vender ópio para eles. As proteções logo se tornaram fortes discriminações e violações de direitos e liberdades fundamentais. Serviços básicos – de saúde, medicina e de cuidados odontológicos, escolas, sistemas de saneamento, água potável, remoção de lixo, eletricidade, estradas transitáveis, nutrição adequada, moradia básica, treinamento genuíno de artesão, salários adequados, instalações de esporte e lazer – foram sistematicamente esquecidos, negados ou fornecidos de forma indiferente, esporádica, ina-

dequada e desajeitadamente, mesmo quando por escrito. Friedrich Dirrenmatt, o renomado escritor suíço, escreveu de forma bastante adequada (num contexto diferente): “não fazemos o que devemos fazer, obstinadamente, nunca fazemos de verdade o que deve ser feito, mas no máximo fazemos as coisas pela metade e mesmo assim, de má vontade” (DIIRRENMATT, 1990, p. 33). O último dos mantras governamentais e *slogans políticos* é “preencher a lacuna”, ou seja, reduzir a diferença entre a expectativa de vida de um homem branco, agora dita entre 77 e 79 anos e a expectativa de vida de um homem aborígine, ostensivamente de 57 a 59 anos. A realidade, preferível sobre a probabilidade estatística, é que nesta terra de “justiça” poucos homens aborígines vivem além dos 50 anos (por razões socioeconômicas, políticas e legais), não por vontade de morrer ou predisposição genética. Um olhar sobre os indicadores sociais – expectativa de vida, taxas de mortalidade infantil, taxas de morbidez, prevalência e incidência de doenças transmissíveis, mortes por causas não naturais, rendimento escolar, renda anual e coisas do tipo – mostra que os aborígines não vivem da mesma forma que os outros australianos.

Sociedade anormal

Um comentário de Hassan Howa adornará por muito tempo a literatura sobre o racismo nos esportes. Quando era presidente do Conselho da África do Sul para Esportes na campanha de boicote aos esportes nos anos mais cruéis do *apartheid*, ele declarou: “não pode haver esporte normal numa sociedade anormal”. O que ele teria feito com os níveis de racismo na experiência aborígine? No seu *A natureza do preconceito*, o psicólogo de Harvard, Gordon Allport (1954), erroneamente ligou várias escalas de preconceito numa síndrome causal; seguindo a escala um, maledicências e xingamentos, ele listou a exclusão social, a exclusão geográfica ou regional, os ataques físicos tais quais linchamentos e, finalmente, extermínio. O racismo australiano tem mostrado muito dessas coisas, não necessariamente em nenhuma sequência aritmética, mas seguramente numa natureza enraizada, padronizada, institucionalizada, sistêmica e pandêmica. Os aborígines têm que viver com, e morrer de, um racismo aberto, físico que transcende todas as ofensas de vilipêndio verbal.

O esporte organizado é o mais frequente e primariamente implicado com o abuso de jogadores pelo racismo de outros jogadores e de

fãs. A maior parte dos códigos de conduta dos esportes, especialmente nos quatro tipos de futebol², ainda tratam o *sledging* (um termo australiano para tal abuso) como uma forma de “doença” que requer aconselhamento a portas fechadas, encontro do ofensor com o ofendido em privacidade, conciliação, pedido de desculpas e promessas de não repetir o insulto, e a “vítima-paciente” esperançosamente curada. Códigos de conduta introduziram recentemente as suspensões de jogos e multas pesadas, mas a “doença” permanece como o diagnóstico principal dessas más condutas “sociais”.

Pessoas infames dificilmente estão no mesmo nível de pessoas promíscuas e *serial killers*. Os massacres organizados do século XIX foram essencialmente perpetuados pelos colonizadores, com as autoridades estaduais no papel de observadores. Raramente o Estado processou os assassinos brancos. Mais tarde, as Forças Policiais Nativas governando o Estado se tornaram os instrumentos das matanças. Os colonizadores mataram por volta de 10.000 aborígenes na colônia de Queensland entre 1824 e 1908. Em 1883, o alto comissário britânico em Queensland, Arthur Hamilton Gordon, escreveu a seu amigo William Gladstone, então primeiro-ministro da Inglaterra, que os aborígenes eram considerados “como vermes a serem eliminados da face da terra”: “Eu ouvi homens de cultura e refinamento [...] falarem não somente da matança em massa [...] mas de assassinatos *individuais* de nativos, exatamente da mesma forma que eles falariam de um dia esportivo, ou de ter matado um animal incômodo” (EVANS et al. 1988, p. 78).

Em 1896, o secretário colonial de Queensland designou Archibald Meston como comissário especial para investigar a condição aborígene. “Homens e mulheres [eram] caçados como animais”; “sequestro de mulheres e incontáveis atrocidades foram relatadas”. Em 25 anos, uma tribo de 3.000 pessoas “foi abatida até 100 sobreviventes” como resultado do “velho estilo de ‘dispersão’”; “meninos e meninas eram frequentemente tirados de seus pais [...] sem chance de retornarem. Tudo isso foi ‘uma repreensão’ à nossa humanidade comum” (MES-

2-Nota do Revisor (NR): Além do mundialmente disseminado futebol (para os australianos, “*soccer*”), a Austrália tem ainda outros três jogos reconhecidos da mesma forma: o futebol australiano (semelhante ao rúgbi) e as duas principais ligas de rúgbi (a *Rugby Football League* e a *Rugby Football Union*). Popularmente, todos são tratados na Austrália como “*football*”.

TON, 1896. p. 723-736). O “único jeito de deter sua destruição”, para “salvar qualquer parte da raça em extinção”, foi abolir a força policial nativa (homicida), banir o ópio e assegurar o “isolamento absoluto” dos brancos que – “coloridos pelo preconceito, distorcidos pela ignorância” – cometeram “atos vergonhosos” (MESTON, 1896, p. 733-734).

Alguém pode jogar críquete e competir em corridas no meio de assassinos genocidas? Sim. Durante a matança geral, houve liberdade suficiente para se jogar os jogos de críquete, boliche e corrida (TATZ 1995). Na década de 1890, vários aborígenes jogavam críquete no Debing Creek, próximo a Ipswich, Queensland. Os cidadãos sentiam que “devia-se encorajar o nosso irmão negro”. As pessoas vinham para assistir. Eles “se comportaram como cavalheiros”, disse o *Queensland Times*. A equipe de Debing Creek ganhou um importante troféu em 1895 e então jogou na União Nacional de Críquete em Brisbane. O secretário colonial, logo que recebeu o relatório de Meston, enviou dois bastões de críquete aos aborígenes “em apreciação de seu excelente comportamento e pelo inteligente resultado”.

Por todo o lugar, o críquete e os massacres se espalharam. Victoria foi a primeira colônia a decretar salvaguardas, com o Ato de Proteção Aborígene de 1869. Um ano antes, uma equipe de críquete aborígene excursionou pela Inglaterra, uma década antes de uma equipe branca se aventurar no exterior. A história é que um criador de gado de Edenhope enviou fotos de “seus” aborígenes para os proprietários de pequenos bares de Cricket Ground de Melbourne, sugerindo partidas (MULVANEY; HARCOURT, 1988). No Lake Wallace, Distrito de Western Victoria, os pastores ensinaram a seus serviçais o jogo porque eles e seus filhos não tinham ninguém contra quem jogar. Os nomes de seus “donos”, designados a eles, ilustravam suas atitudes paternalistas: Jim Crow, Sundown, Redcap, Tarpot, King Cole, Mosquito, Tiger, Bullocky. No meio da exploração comercial e trapaça associada, e apesar das tantas doenças entre os jogadores, o hoteleiro Charles Lawrence concordou em treinar a equipe aborígene para as competições na Inglaterra. A equipe chegou à Inglaterra em maio de 1868. Dois jogadores estavam doentes o bastante para serem mandados para casa e King Cole morreu de tuberculose durante o campeonato. Eles jogaram 47 partidas com o resultado de 19 empates, 14 vitórias e 14 derrotas.

Histórica, heróica e romântica, tema de três livros e inúmeras reproduções fotográficas, o *tour* foi também o começo da exploração do

esporte, da má-fé e do tratamento de doenças. A estrela do *tour*, Johnny Mullagh (nomeado por causa da Estação Mullagh, onde ele trabalhou) foi o único jogador a estabelecer uma carreira no críquete no seu retorno. Apesar do *ethos* geral de desdém racial, um memorial a esse homem foi erguido na cidade rural de Harrow e o campo de críquete local leva o seu nome. Pesquisadores estabeleceram tardiamente que tudo era indigno, até mesmo cruel: os jogadores não eram pagos, eram hospedados inadequadamente e considerados como exóticas atrações de circo, não jogadores (SAMSON, 2009). A Diretoria de Proteção surgiu um ano antes, os famosos *tours*, contudo, não mais aconteceriam.

Em 1850, a visão do reverendo Matthew Blagden Hale era de proteger os aborígines de uma “parte cruel da população branca” (TATZ, 1995, p. 47-48). Em Poonindie, 19 km de Port Lincoln, no sul da Austrália, eles os “treinariam nos hábitos da vida civilizada”. Para superar um “temperamento nativo” que os deixava angustiados com “trabalho contínuo, doença e bebidas”, ele introduziu o críquete. A equipe aborígine venceu todas, menos uma de suas partidas locais. Em Adelaide, o bispo anglicano compareceu a uma partida entre Poonindie e a Escola St. Peter, de classe alta, em 1872. O críquete, escreveu o bispo Short em prosa surpreendente, provou “incontestavelmente que a aristocracia anglicana da Inglaterra e o nobre selvagem, que corre livremente nas florestas australianas, estão ligados a uma fraternidade de sangue – movidos pela mesma paixão, desejos e afeições”. Nem tanto. A separação legal e física dos aborígines ainda estava no caminho. O aumento das doenças, reclamações dos brancos e pressão dos fazendeiros vizinhos para adquirirem a terra aborígine levou ao fim da missão, e seu críquete, em 1895.

O atletismo profissional, chamado pedestrianismo, foi o principal esporte do século XIX. Os aborígines (procurando escapar das reservas isoladas e do encarceramento da missão e da vida estabelecida pelo governo) eram muito bons nele. Charlie Samuels, batizado pelo seu “dono”, proprietário de rebanho, como Sambo Combo, foi o líder dessa modalidade das décadas de 1880 e 1890. O principal jornal de esportes, *The Referee*, escreveu em 1894 que “essa pode ser uma reflexão mais prazerosa para os australianos, se um homem branco talvez pudesse ser citado como um campeão [da Austrália] [...] mas a coroa de louros tem de ser concedida a um aborígine negro [...] [Ele era] um dos maiores expoentes da corrida de velocidade que o mundo já

viu” (TATZ 1995, p. 95). A mais famosa e rica de todas as corridas, a Stawell Easter Gift em Victoria, foi vencida por corredores aborígenes em 1883 (Bobby Kinnear), 1910 (Tom Dancey), 1929 (Lynch Cooper) e novamente em 2005 e 2006 (Joshua Ross).

Os oficiais do atletismo criaram obstáculos de 1880 até 1920, assim como os atletas, que escreveram ao Governador de Queensland pedindo a ele para banir todos os aborígenes da Fraser Island (na verdade, porque eles sempre venciam). Quando os aborígenes se tornaram proeminentes, iniciais separadas começaram a aparecer depois de cada nome de corredor nos programas de corrida oficiais, indicando que “a” aborígene, “h.c” mestiço e “c.p.” pessoa de cor. Foi sugerido que “sem estas marcas de distinção [...] o público se enganaria”. Essa prática durou cerca de 40 anos, mas ao menos os aborígenes eram participantes nos negócios de sapatilhas.

Em 1976, o pastor Sir Douglas Nicholls se tornou, por pouco tempo devido a uma doença, o Governador da Austrália do Sul. Ele permanece como o único Cavaleiro Aborígene do Reino (Imperial). Ele é de Cummeragunja (Cummera), uma missão do Rio Murray, entre New South Wales (NSW) e Victoria, uma pequena comunidade que produziu uma linhagem de atletas, jogadores de futebol australiano, figuras políticas e ativistas dos direitos humanos. Doug fez teste para entrar no Carlton Football Club, mas lhe disseram que, por causa da sua cor, ele fedia. O Fitzroy F. C. o pegou e sua carreira no futebol australiano foi ilustre no começo da década de 1930. Ele tinha um trabalho na tenda de boxe de um circo itinerante, além de ter sido um campeão de corrida. Em 1929, Nicholls venceu as 120 jardas do Warracknabeal Gift e ficou com o prêmio de 100 guinéus (por volta de 235 dólares australianos em valor nominal). O dinheiro era uma soma assombrosa, considerando que o lucro anual total para os 140 lavradores de Cummeragunja no ano anterior era cinco vezes menor que esse valor. Não surpreendentemente, Nicholls tinha um motivo mais forte para correr do que para colher.

Cummeragunja começou sua missão privada em 1874. Daniel Matthews, um mercador de Echuca, candidatou-se à primeira Missão Maloga estritamente por motivos religiosos. Ele também era inclinado a derrotar garotas fugitivas. Ele ressentiu-se da crescente “manifestação ingratitude”. Para ele, o críquete era uma “atividade incivilizada”. Os aborígenes viam as coisas de maneira diferente. O biógrafo de Matthews, Nancy Cato (1976, p. 128), escreveu: “Eles descobriram que suas proezas no

esporte, particularmente no críquete e na corrida, deram a eles o passaporte para o mundo do homem branco, mesmo em relação ao seu respeito e amizade”. Ele tentou impedir esta passagem. A história de Nicholls é, com certeza, excepcional, mas ele estabeleceu que o esporte era uma fuga do rígido isolamento e uma estrada para a aceitação social, mesmo se transitória para a maioria.

Contradições monumentais

Ao menos 15 monumentos públicos homenageiam os aborígenes e os homens e mulheres dos esportes ilhéus. Victoria tem um obelisco para o corredor Bobby Kinnear e uma construção similar para o jogador de críquete Johnny Mullagh; uma placa de rua de Melbourne homenageia o jóquei Peter St Albans, vencedor na Melbourne Cup de 1876, enquanto um centro comunitário do subúrbio tem o nome do multitalentoso Doug Nicholls. Na NSW, um grande memorial no acostamento da estrada celebra o boxeador peso-médio Dave Sands próximo a Dungog, na cena de seu fatal acidente de caminhão. Duas vezes votado o mais popular esportista da Austrália, seu funeral atraiu uma das maiores multidões já vistas naquele Estado. Há um impressionante monumento a Sands em Kempsey, NSW, e uma placa remodelada na junção das estradas internas mais movimentadas de Sydney. A quadra central em Homebush tem o nome da campeã de tênis Evonne Goolagong. Duas ruas de Queensland, em Cherbourg e em Dalby, celebram o boxeador Jerry Jerome, o primeiro aborígene a vencer um título nacional (o campeonato de peso-médio de 1912). A entrada do estádio de Canberra tem uma estátua de tamanho natural de Laurie Daley e o pilar principal leva o nome de Mal Meninga, um ilhéu de South Sea, e tributos às conquistas da sua Liga de Rúgbi. Em Perth, O “Polly” Farmer Room no campo de Subiaco homenageia o grande futebolista australiano; e em Darwin, o restaurante do estádio tem o nome do jogador de Tiwi Island, David Kantilla. A estátua do *fast bowler*³ Eddie Gilbert, revelada em novembro de 2008, não dá importância à sede do críquete de Queensland em Brisbane.

Esses monumentos e arenas não contam as suas histórias. Ao contrário, eles escondem ou omitem as realidades das vidas que eles celebram. O esporte, escreveu com atraso Ron Pickering (da BBC), está

3-N. R.: *Fast bowler* é um tipo de arremessador no críquete.

baseado num *ethos* de jogo, competição e oportunidades de ser justo e igual para todos. Para os aborígenes, os ilhéus de Torres Strait e de South Sea, descendentes daqueles “pássaros negros”, ou seja, sequestrados, enclausurados e trazidos aqui para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar entre 1863 e 1904, houve exclusão da competição, discriminação dentro dela e, durante todo o tempo, uma brutal desigualdade de chances, escolhas e instalações – mesmo nos primeiros anos deste novo século. Eles também tiveram que superar oponentes bem treinados, experientes e talentosos.

O esporte é uma litania de ambiguidades na experiência aborígene: houve ao mesmo tempo depreciação e adulação, desdém e respeito, calúnia e celebração, tolerância e preconceito, inclusão e exclusão.

O esporte da inclusão

Na década de 1870, o povo de Coranderrk, localidade próxima a Healesville em Victoria, testou-se como fazendeiro, músico, jogador de críquete, cristão e manifestante político, pacífico e bem-sucedido. O seu sucesso na colheita irritava os vizinhos brancos. Sua equipe de críquete conseguiu aceitação, vencendo muitos jogos. Sua equipe de futebol australiano, Badger Creek, foi rapidamente aceita em 1906, contendo um homem inimaginável, Joseph Wandin, que se tornou o primeiro diretor aborígene de uma escola primária estadual. A escola foi restaurada para as celebrações do centenário em 1994, mas nessa época – apesar dos ganhos aborígenes antes das comissões reais e das indagações parlamentares na década de 1870 e 1880 – Coranderrk estava mais reduzida a um terreno de um quarto de acre com uma lápide memorial. O resto se tornou um subúrbio branco e um zoológico popular.

Apesar das visões de Daniel Matthews, o Império britânico utilizava o críquete como uma força civilizatória em algumas colônias. Mas a visão de um monge espanhol não falante de língua inglesa era de que o jogo deveria ser bastante surpreendente. Em 1879, o abade Rosendo Salvado nomeou um fazendeiro, H. B. Lefroy, como técnico da equipe New Norcia Mission, na Austrália do Oeste, situada a 120 km a Norte de Perth, e começou a série de partidas em Perth. A equipe perdeu somente uma vez em 18 jogos. Um historiador cristão da época observou:

O nativo australiano leva gentilmente qualquer forma de esporte que ele tenha em mente. Sua inclinação para o trabalho não é de toda tão afiada. Porém, se o trabalho pudesse ser colocado frente a ele na forma de um jogo, ele seria um indubitável sucesso no mundo. (TATZ, 1995, p. 57)

Nem Salvo nem o críquete prevaleceram depois de 1905. Embora o *Ato de Proteção Aborígine* tenha sido instituído em 1886, foi a nova lei, o *Ato Aborígine de 1905* que terminou com os direitos e liberdades dos nativos.. O protetor-chefe se tornou o guardião legal de cada aborígine menor de 16 anos, podendo ainda remover as pessoas para e de reservas a seu bel prazer. O álcool foi proibido, como também a presença de qualquer criança do sexo feminino “dentro de duas milhas de qualquer porto ou entrada utilizada pelos pescadores de pérolas entre o raiar e o pôr do sol”. Com as ambiguidades sexuais e receios a respeito da “mistura racial”, o casamento inter-racial foi proibido, a menos que houvesse uma permissão por escrito do Protetor. As crianças eram removidas à força de seus pais e colocadas nos então chamados lares de assimilação “para o seu próprio bem”.

Queensland, em 1897, e a Austrália do Oeste, em 1905, deram o tom para o resto do país. A lei rígida era agora o instrumento do controle social e muito da animosidade e preconceito dos colonizadores refletiu-se nos estatutos e regulamentos draconianos. No Oeste, os aborígenes podiam ser punidos por se recusarem a trabalhar, por serem atrevidos, por não esvaziarem o tanque de lavar roupas, por deixarem as torneiras abertas, por não atarem os cavalos e charretes e por serem descuidados. Em Queensland, eles podiam ser aprisionados por policiais e missionários, por três semanas de cada vez, por se recusarem a trabalhar, cometerem adultério, jogarem cartas, atarem fogo à prisão feminina e por recusarem a dar amostras de fezes para o médico visitante. Como eles poderiam praticar esportes no meio de tudo isso? Com dificuldade.

A Austrália do Sul foi levemente, mas somente levemente, mais humanitária nas questões aborígenes. Koonibba, no extremo oeste do Estado, começou uma missão luterana em 1897 e teve um time de futebol australiano bem sucedido desde 1906, vencendo quase duas dúzias de campeonatos. Essa é a mais antiga equipe aborígine sobrevivente na Austrália. Na década de 1950, com muitos aborígenes querendo jogar, uma equipe irmã, Rovers, foi admitida na liga, e den-

tro de um ano, venceu a liga de 1958. Nós somos constantemente lembrados da lacuna entre a expectativa de vida do homem aborígine e o não aborígine. O Rovers apresenta uma realidade cruel. Dos 18 homens daquele time vencedor, somente um estava vivo em 1987: os outros 17 homens não atingiram a idade de 50 anos.

Port Lincoln tem a reputação de ser uma cidade racista. Contudo, o Mallee Park Football Club está sediado num centro comunitário, em 19 acres, na cidade, com todas as licenças, salas multifunções e facilidades. É o futebol que tem fornecido a coesão necessária, especialmente com o time vencendo a liga 11 vezes entre 1985 e 2001.

O território do Norte (NT) talvez seja a medida da ambiguidade. A colonização começou como um pequeno posto avançado colonial em Palmerston, agora Darwin, com algumas centenas de soldados embriagados com a mensagem imperial sobre civilização e “o fardo do homem branco”. Esses homens viam-se como “práticos da selva”, isto é, homens que nunca hesitaram em dar lições aos nativos pelo poder da arma. Kipling teria apreciado uma breve visita. A corrida de cavalos era o esporte principal, do qual os negros eram excluídos, exceto como mãos de obra para os estábulos e jóqueis das raças “*blackboys*”.

O futebol australiano veio para o NT em 1916 e daí, até os dias de hoje, tornou-se um grande esporte de consumo. Surpreendentemente, dois “mestiços” estiveram no nascimento do esporte e se transformaram não somente em campeões de futebol, mas vencedores de críquete, competições de atletismo, natação, futebol e tiro. Reuben Cooper e Willie Allen tiveram, cada um, pai branco e mãe tribal aborígine. Ambos derrubaram as barreiras da cor por causa do *status* e proteção de seus pais, e ambos se tornaram líderes em várias áreas. Allen serviu no Egito e na Palestina durante a Primeira Guerra Mundial, muito embora os aborígenes fossem excluídos do serviço militar, por não serem considerados confiáveis. Cooper desafiou o racismo tão enraizado e tão endêmico naquela sociedade de fronteira. Ele se tornou um técnico e uma lenda numa época em que as equipes brancas se recusavam a jogar com juízes “de cor”, e quando a liga de futebol baniou todos os jogadores “não brancos” entre 1926 e 1929.

Na época da “emancipação” dos “mestiços” em 1957, o esporte em NT foi fortalecido e direcionado pelos desempenhos dos aborígenes – particularmente no *netball*, basquetebol, *softball*, voleibol, hóquei de campo, dardos e, especialmente, futebol australiano. O *hall* dos Campeões de NT é obviamente “sub-representado” por aborígenes, en-

quanto o *hall* da Fama dos esportes ilhéus e aborígenes tem uma representação muito forte do NT.

A história principal é a da equipe de futebol St. Marys. Na década de 1940 e no começo da década de 1950, muitos jovens das Tiwi Islands (Bathurst e Melville) vieram para Darwin por três meses para trabalhar para o exército e para a aeronáutica. Apesar de usarem uniformes, eles não tinham permissão de serem soldados e trabalhavam essencialmente como serventes domésticos. O bispo de Darwin sentia que o futebol poderia ser uma “coisa boa” para os homens. Apesar das objeções dos administradores da cidade que não queriam “muitos negros ao redor”, a equipe nasceu em 1952, formada com a ajuda de Ted Egan, então um oficial de patrulha do Departamento de Questões dos Nativos. Ele inicialmente treinou e comandou o St. Marys. Em 1954-1955 eles venceram a primeira de muitas ligas, num total de 26 vitórias na Liga de Futebol do Território Norte (NTFL) até o fim da temporada de 2007-2008.

As políticas de inclusão e exclusão têm sido lentas e dolorosas. Na temporada de 2006-2007, uma equipe representando a Liga de Futebol das Tiwi Islands, a Tiwi Bombers, foi admitida na NTFL numa condição experimental. Todo time aborígene jogou contra cada um dos sete times da NTFL na primeira rodada de partidas, vencendo seis. A experiência foi um grande sucesso e provou ser a mais popular com o público de futebol de Darwin. Os Bombers eram finalmente admitidos na NTFL como a oitava equipe para a temporada de 2007-2008.

Queensland permanece como a “criança-problema” das relações raciais australianas. O Ato de Proteção de 1897 salvou pelo menos metade dos clãs aborígenes do massacre e do comércio de ópio, mas os legados de ódio racial e desprezo permaneceram por um longo tempo. A legislação permitia o controle total dos aborígenes, como a maioria de tais leis fazia, mas fornecia uma isenção, o certificado que basicamente indicava que o seu portador era, de fato, “homem branco”. Meston foi o primeiro Protetor, e apesar de ser um amante dos esportes, ele odiava o críquete. Walter Roth, seu sucessor, não gostava de nenhum esporte e insistia em interrompê-los: os pedestrianistas (“peds”) fazem “muito dinheiro por alguns anos em favor da fraternidade das apostas [...] voltam para nós destruídos, como de costume, uma chateação e um fardo sobre o resto” (TATZ, 1995). Ele proibiu todos os “peds” de ganharem suas vidas pela estratégia de recrutar treinadores para treiná-los e promotores de corrida para “acolhê-los”.

O empresário de Jerry Jerome ganhou para ele um certificado de isenção, dando-lhe uma longa e popular carreira como um boxeador peso-médio. Roth o abominou e o perseguiu, acusando “este rico cavalheiro” de “incitar os aborígenes a recusarem-se a trabalhar a menos que fossem pagos em dinheiro por isto”, no assentamento de Taroom. As autoridades não deixaram por menos: quando sua carreira no boxe terminou, elas o enviaram para o assentamento de Cherbourg, tiraram o seu dinheiro e ele morreu lá, sem um tostão. Ron Richards, possivelmente o melhor de todos os boxeadores australianos, era natural de Deebing Creek (o primeiro ponto de refúgio de Meston para os povos vitimados). Na sua carreira, explorado como a maioria dos boxeadores aborígenes o foram, ele venceu duas vezes Gus Lesnevitch, considerado um dos maiores campeões de peso-leve do século XX. Ele perdeu duas vezes para o lendário Archie Moore. Mas, se não fosse por seu certificado de isenção, não haveria lugar para ele na história.

Jerome foi o precursor de Richards, e Richards liderou a caminhada para o que parecia ser uma avalanche de campeões aborígenes de Queensland: Elley Bennett, campeão peso-galo da Austrália; George Bracken, duas vezes campeão na categoria peso-pena; Gary Cowburn, campeão de peso meio-médio e peso meio-médio júnior; Jack Hassen, campeão de peso-pena; Robert Peden, campeão de peso-galo. E um recorde foi criado nos Jogos da Commonwealth em 1962: na equipe de boxe amador de oito atletas da Austrália, três homens – Jeff Dynevor, Eddie Barney (filho de Eddie Gilbert) e Adrian Blair – vieram do assentamento de Cherbourg com uma população de somente mil habitantes. Todos os três eram aborígenes “controlados”, precisando de dispensa para deixar a reserva e lutar em Perth (Dynevor ganhou o ouro no peso-galo.)

Dado o teor das relações raciais em Queensland, havia várias histórias não usuais e inesperadas. Em 1893, Frank Ivory – um mestiço de Maryborough – jogou na União de Rúgbi para o Queensland contra a NSW. O críquete das mulheres começou em 1929, basicamente como um jogo de pessoas ricas e influentes. Já quando um time inglês chegou para um *tour* em 1934, duas primas negras muito pobres da cidade, Edna Crouch e Mabel Campbell foram trazidas para Queensland. Antes disso, em 1925, o irmão de Edna, Paddy, foi escolhido para a turnê na Nova Zelândia da Liga de Rúgbi de Queensland. Eddie Gilbert, que uma vez derrubou Don Bradman para escapar e que Bradman disse que era o mais rápido que ele já encarou, foi um homem de

Cherbourg que jogou para o Queensland entre 1930 e 1935. “Controlado”, ele viajou para a realização de dois jogos de trem, enquanto seus companheiros de equipe foram juntos de carro. Sempre acompanhado para que não chegasse muito perto das mulheres brancas, ele precisava de permissão para cada jogo. Quando seus serviços não foram mais necessários, a Associação de Críquete de Queensland não enviou a ele a notificação, mas para o seu “guardião”, o empresário do assentamento, com o pedido de que o uniforme de críquete de Eddie fosse lavado e devolvido à sede em Brisbane. Ele jogou críquete no torneio de Sheffield Shield por seis anos. Morreu depois de 23 anos, num asilo superlotado, sofrendo um grande abuso racial.

No começo da década de 1970, as coisas começaram a mudar por toda a Austrália negra. A maioria dos estados aboliu seus respectivos estatutos, exceto Queensland, que seguiu o exemplo no meio da década de 1980. O rúgbi da Rugby League era o principal esporte. Começando com Lionel Morgan jogando pela Austrália em 1962, uma linhagem de jogadores emergiu das partidas contra o NSW, especialmente no estado de Origin: Artie Beetson, um leviatã no jogo desde sempre; Tony Currie, Colin Scott, Dale Shearer, Mal Meninga, Steve Renouf, Sam Backo, Gorden Tallis, Jonathon Thurston, Matt Bowen, Justin Hodges, Sam Thaiday e muitos outros. Cada um deles é agora uma estrela, um herói. Foram bem pagos, cuidadosamente alimentados e gerenciados, sendo extravagantemente exibidos como garotos-propaganda de todas as formas de comerciais e exercícios de relações públicas com a intenção de aumentar os campos de jogos. Mais do que qualquer outro esporte, a Liga de Rúgbi de Queensland ilustra as contradições dialéticas da hostilidade e adulação, vilipêndio e adoração, omissão e seleção.

O esporte da exclusão

Queensland adotou seu (genocida) Ato de Proteção em 1897 e os outros estados logo seguiram aquele modelo. As leis restritivas proibiam a participação aborígine em toda atividade econômica, confinando-a a isoladas estações de missão e reservas para a “sua própria proteção”. A Associação Atlética de Amadores de Queensland tentou banir todos os aborígines, com os argumentos de que a eles “faltaria moral”, “tinham inteligência insuficiente” ou “não podiam resistir aos brancos cruéis”. Essas assustadoras desculpas foram rejeitadas pelo corpo atlético.

tico nacional, levando a Associação de Queensland a considerá-los todos profissionais em 1903. Em 1896, os colonizadores do Território Norte, pequenos em número, ordenaram que “nenhum aborígene ou outra raça de cor fosse permitida de competir em eventos europeus”.

A exclusão não tinha que ser um ato aberto de racismo; a omissão era suficientemente eficiente. A Liga de Futebol Vitoriana (VFL, renomeada de AFL em 1990) iniciou suas atividades em 1897. Acusada de ser um bastião colonial encontravam-se somente dois nomes de aborígenes entre seus integrantes nas décadas de 1890 até 1920, e dez jogadores do começo da Liga até o 75º aniversário, em 1962. Os aborígenes com certeza tinham a força, a velocidade e as habilidades necessárias para esse jogo: suas façanhas no críquete, boxe e especialmente no atletismo profissional tinham sido bem demonstradas entre 1860 e 1960. Essa velocidade, destreza e força num grande campo parecia “natural” para os esportistas aborígenes, especialmente porque dizia-se que o *marn-grook* – o jogo dos nativos que foi a base para o futebol australiano – era o passatempo principal para os tribais locais.

A gota d’água começou na década de 1950, mas houve pelo menos 20 jogadores no topo nos primeiros 80 anos da competição. A relativa avalanche de jogadores aborígenes teve início no começo da década de 1980, tendo seis a sete vezes mais jogadores que vinte anos antes. Há agora uma sobrerrepresentação de jogadores aborígenes: eles formam 2,6% da população (517.000 pessoas) e agora compreendem entre 13 e 14% dos jogadores seniores na AFL (e na Liga de Rúgbi).

A exclusão levou a situações bizarras. Na década de 1920, Leo Ap-po, um lenhador campeão, não podia ter um lugar no Royal Easter Show em Sydney. Encorajado a se naturalizar neozelandês, ele ganhou o visto e venceu vários eventos antes de anunciar sua origem aborígene. Para ganhar acesso, vários boxeadores de primeira linha se tornaram “gregos”. Foi sugerido a Percy Hobson, escolhido para o salto em altura para os Jogos da Commonwealth em 1962, que ele “minimizasse” suas origens aborígenes. Frankie Reys, vencedor da Copa Melbourne de 1973, disse que a corrida de cavalos era tão racista que ele se chamava de filipino (o que ele era, em parte), e que naquela identidade ele se tornou presidente da Associação Vitoriana de Jóqueis por dez anos. Mesmo nas décadas de 1960 e 1970, vários jogadores da VFL e campeões da Liga de Rúgbi também “reprimiram” ou foram obrigados a reprimir suas origens, mas “encontraram” sua natureza aborígene na aposentadoria.

Antes e depois da Guerra, as equipes aborígenes no futebol australiano e na Liga de Rúgbi tiveram sua admissão recusada ou foram expulsas de várias ligas. A Liga de Rúgbi Tweed Heads All-Blacks surgiu sozinha como resultado da exclusão de aborígenes dos times brancos em 1930. Esforços para “admitir os atletas pardos para a vertente branca” em 1931 falharam, “os Nãos venceram por 17 votos a 15, com o resultado de que os brancos teriam que lutar o melhor que eles pudessem” (TATZ, 1995, p. 196). As famosas equipes de Cherbourg das décadas de 1920 e 1930 venceram muitos troféus da liga local no sul de Queensland. Frank Fisher, avô do atleta campeão Cathy Freeman, foi a figura central no seu sucesso. Convidado a jogar profissionalmente na Inglaterra, a administração aborígene negou permissão para ele conseguir um passaporte, alegando que uma estrela de Cherbourg, Edie Gilbert, era suficiente.

A importância da equipe da Liga de Rúgbi All-Blacks de Redfern, na NSW, não estava depositada nas flâmulas que ela venceu. Além disso, ela era o foco de um forte senso de identidade negra no centro de Sydney, uma sociedade urbana na qual os aborígenes, especialmente os mestiços rurais, eram assimilados a ponto de desaparecerem. A Fundação de Assuntos Aborígenes foi estabelecida próxima a Redfern em 1963 como uma maneira de dar assistência à migração aborígene para a cidade grande. Seus fundadores estavam intensamente conscientes da luta para sobreviver à discriminação, exploração, pobreza e talvez, acima de tudo, à pressão para deixar suas identidades. A equipe dos All Blacks desafiou a política de Coalizão Liberal da época que insistia que “todos os aborígenes e meio-aborígenes deveriam se restringir a mesma maneira de viver dos outros australianos e viver como membros de uma única comunidade [...] observando os mesmos costumes e influenciados pelas mesmas crenças, esperanças e lealdades” (TATZ, 1964).

Narwan, em Armidale, NSW, foi outra equipe nascida da discriminação. Na década de 1970, um número de jogadores em equipes brancas ficou eternamente no banco de reservas, não participando de jogos e se sentindo indesejado. Em meio aos gritos da oposição da cidade e dos acadêmicos da universidade local, esses jogadores alcançaram o lado aborígene em 1977. Eles venceram o Caltex Shield e em 1980, a Clayton Cup, o mais prestigiado evento da Liga do país. Eles venceram as cinco primeiras divisões e quatro competições eliminatórias. Lamentavelmente, como para muitos times, o Narwan foi expulso do

Grupo 19 da competição nacional em 2005 por dívidas. Os Gimbisi Warriors foram expulsos do Grupo 2 pelo “comportamento da torcida”; os Northern United foram recusados no Grupo 1.

Os Moree Boomerangs tiveram um recorde impressionante. Sua equipe começou na década de 1940, desapareceu, e então reapareceu na década de 1970. Eles venceram a prestigiosa grande final do Grupo 4 em 1982 e novamente em 1992. Infelizmente, no fim do último século, os Boomerangs foram excluídos da competição. Tal exclusão ocorreu em todos os estados australianos nas últimas três décadas. As razões variam do mau-comportamento dos torcedores, até agressão a juízes, dívidas e xingamentos excessivos.

A última das muitas sagas foi a tentativa de se criar uma competição de 14 times chamada Liga de Rúgbi Aborígine da Nação, na parte rural da NSW. O porquê de tamanha oposição, especialmente da Liga de Rúgbi Nacional, não está claro: tais órgãos bem podem ser parte do forte empurrão assimilacionista ainda evidente na vida pública australiana, ou os administradores de futebol podem não querer perder muitos campeões aborígenes que agora jogam para equipes municipais seniores. O conceito dos “All Blacks” está bem vivo; os aborígenes mostraram, especialmente através da eliminatória da Liga de Rúgbi Aborígine NSW, que eles podem gerenciar suas próprias competições, precisando apenas de um espaço para respirar e um local para jogar e, significativamente, as pessoas das cidades de Toomelah, Taree, Kempsey, Newcastle, Bourke, Walgett e Moree agora se vêem como *nações* aborígenes.

Na Copa do Mundo de 2008, Liga Nacional de Rúgbi (NRL) apresentou um jogo de abertura da Austrália contra a Nova Zelândia: um “Time dos Sonhos Indígena”, que venceu os maori da Nova Zelândia, por 34 a 26. Isso levou a um clamor imediato para as equipes aborígenes e maoris serem oficialmente inclusas na próxima Copa do Mundo de 2013. Os seus estilos de jogos atraem fãs e a pressão aumentará para a inclusão de uma equipe aborígine – mas esta meta depende da vontade da equipe nacional em preceder suas estrelas aborígenes. Isso também exigirá o entendimento de que a cultura aborígine não se resume aos *corroborees* (cantos nativos aborígenes), pintura corporal e dança, mas também diz respeito aos valores e laços familiares e sociais, que são estreitados quando se joga junto.

Apropriação, adulação e intervenção

Evonne Goolagong-Cawley e Cathy Freeman são tesouros nacionais e ambas são adoradas internacionalmente. A “Evonne Goolagong Court” é a peça principal do novo Centro Internacional de Tênis em Homebush, local das Olimpíadas de 2000. Cathy adorna capas de livros, revistas e calendários e é frequentemente vista em noticiários, promoções e introduções de programas esportivos. Em 2009, jornalistas franceses, suecos e alemães ainda estavam viajando pela Austrália para “examinar” a vida de Cathy depois da aposentadoria, e ela permanece provavelmente como a mais fotografada esportista da Austrália.

Cathy pode ser a precursora de uma geração de jovens mulheres que podem derrubar as barreiras dos estereótipos, do racismo e do sexismo. Além disso, a quebra de barreiras a torna uma conveniente “amostra única” – a atraente, bronzeadada campeã mundial cuja presença muito agradável no centro do palco “provou” que os australianos não são racistas. Ela foi sempre muito consciente de seu simbolismo, a prontidão de todos em abraçá-la, em torná-la apropriada, uma vez que ela transformou de uma só vez toda a experiência de exclusão e discriminação sofrida pelos aborígenes no oposto do que ela realmente é. Pode não haver malícia nem motivo ulterior nesta comoção em torno de Cathy, mas seu sucesso é ainda representado, ou às vezes interpretado, como prova de que (supostamente) houve vasta melhoria na vida aborígene. Sua crença de que “sonhos se tornam realidade” infelizmente não é verdade para um bom número de aborígenes e ilhéus, especialmente mulheres. Evonne e Cathy são, com efeito, exceções – suas carreiras e escolhas esportivas não são a norma.

Em 2007, o governo federal da Coalizão Howard lançou uma “intervenção emergencial” no Território Norte, enviando forças-tarefa de civis (muito mal treinadas neste trabalho), e os militares (ainda menos qualificados) “para salvar as crianças” de abuso sexual e negligência. No meio da crescente crítica, o governo de Kevin Rudd continuou o programa por pelo menos outros três anos. A intervenção envolve a suspensão do Ato de Discriminação Racial Federal e da legislação antidiscriminação do Território Norte, a suspensão do sistema de permissões que garante aos aborígenes decidirem quem pode entrar nos seus domínios, a busca de exploradores sexuais, mas sem nenhuma acusação ou prisão em mais de dois anos de operação, a quarentena de todos os pagamentos de seguridade social, o exame médico de criança, o ba-

nimento do álcool, a permissão para incursões policiais nas casas na busca por levedura (para que eles não a fermentem em casa), e a cobrança de aluguéis para “*humpies*”⁴ (para ensiná-los o valor da propriedade). Isso afeta por volta de 82 comunidades e 47 acampamentos urbanos.

Há uma qualidade como a de Meston nesta intervenção para “salvar as crianças”. Há alguns resultados interessantes a se notar, notadamente a redução de pressões de homens bêbados sobre suas mulheres para que elas lhes dêem o dinheiro para alimentação, mas deve-se dizer que não houve muitas mudanças desde que Meston empurrou tais proteções 114 anos atrás: há ainda uma filosofia governamental de que a atribuição coletiva, isto é, qualquer instância de desvio de comportamento por um indivíduo, um grupo ou uma comunidade, seja considerada como o comportamento de todos os aborígenes e todos devem se render a um remédio nacional ou estadual. Com isso, os aborígenes estão de volta para o tempo em que a Regulamentação Aborígene de 1911 começou, mas desta vez não há certificados de isenção.

Em tais contextos e ambientes, como os homens e mulheres comportam-se no negócio de praticar esporte? Se há intervenção militar, e ela é muito antiga, ou se as comunidades tentam a viver sob suas próprias regras, as vidas cotidianas daqueles nos cantos remotos e rurais da Austrália não é normal numa nação de primeiro mundo.

Uma questão de acesso

Quais são as normas para a maior parte dos aborígenes? Por causa da sua posição no sistema político, legal, econômico e social, os aborígenes, ilhéus de Torres Strait e South Sea raramente entram em quadras de *squash*, campeonatos em campos de golfe ou estações de esqui. Eles não praticam voo-livre, não jogam polo, não passeiam de iates, não pilotam motos para a Yamaha (tirando o incrível Chad Reed, agora nos Estados Unidos) ou dirigem carros para a Ferrari. Em reservas remotas ou rurais, onde a maior parte dos aborígenes vive, não havia nem há ainda grama, nem instalações, técnicos, nutricionistas, fisioterapeutas, *personal trainers*, motivadores, refletores ou ves-

4-N. R.: “Humpy” é um dos nomes pelos quais se conhece as tradicionais moradias dos aborígenes australianos.

tiários. O dinheiro das bolsas é raro e mesmo quando eles se transferem para institutos esportivos no sul, a maioria dos esportistas aprendizes aborígenes mostra um problema: saudade de casa. A maioria não gosta de sair do território de sua casa, sendo relocados sozinhos para outro estado.

O sucesso no esporte não acaba com suas duras experiências. Muitas não mudam: curta expectativa de vida, falta de saúde, falta de alojamentos e higiene, desemprego maciço, educação muito abaixo da adequada, ruptura social em muitas comunidades e uma devastadora taxa de suicídio de jovens indicadora de uma vida sem propósitos. O esporte não é apenas uma atividade de luxo ou lazer no fim de uma semana árdua. Para a juventude, em muitas comunidades, ele fornece um sentimento de coesão e pertencimento comunitário. O esporte é mais importante para eles do que é para qualquer outro segmento da sociedade australiana. Ele também diminui a delinquência e, numa época em que as taxas de suicídio são brutalmente anormais, ele fornece à juventude este senso de pertencimento comunitário. Há evidências suficientes de que mesmo que o esporte não *previna* realmente o suicídio, ele claramente adia esta ação, frequentemente permitindo um período de reflexão para reconsiderar as chances da vida (TATZ, 2007). Ele também oferece uma chance para um período de bem-estar. Ele é uma poderosa arma na luta contra o descontrole do diabetes e muitas das doenças de hoje, especialmente as dos sistemas cardíaco, renal e respiratório, que são melhor controlados por regimes físicos, incluindo competições esportivas. De muitas formas, *o esporte é sobrevivência*: ele dá propósito à vida, uma atividade de significado real, um senso de coerência, uma razão de ser, um senso de poder e apoderação, um sentimento de autonomia, mesmo que breve.

Indigenous issues in Australian sport

Abstract

Australia's Aborigines, once thought to be a doomed Stone Age race, today command attention for their artistic work, music and dance, their writing and above all, perhaps, their sporting achievements. While indicators like infant mortality, life expectation, poor nutrition, poverty, high unemployment, high rates of imprisonment and substance abuse affect their daily lives, sport has been an avenue to recognition and even adulation, especially in the stadium sports of Australian football, rugby league, rugby union, field hockey and boxing. Aborigines in rural and remote areas have little access to sport facilities, despite evidence that sport not only enhances li-

ves and sustains health but deflects the very high rates of youth suicide.

Keywords: Sport. Indigenous. Australia.

Cuestiones indígenas en el deporte australiano

Resumen

Aborígenes de la Australia, que se cree una raza condenada a vivir en la Edad de la Piedra, hoy merece atención por su trabajo artístico, en la música y la danza, la escritura y, sobre todo, tal vez, debido a sus logros deportivos. Si bien los indicadores como la mortalidad infantil, esperanza de vida, desnutrición, pobreza, alto desempleo, prisión y el abuso afectan a sus vidas cotidianas, el deporte ha sido un camino para el reconocimiento, incluso para la adulación, sobre todo en los estadios de fútbol australiano, de rugby, de boxeo y en los campos de hockey. Los aborígenes de las zonas rurales y remotas tienen poco acceso a instalaciones deportivas, a pesar de que el deporte no sólo mejorar la vida y mantener la salud, sino disminuir los altos índices de suicidios de jóvenes

Palabras clave: Deporte. Indígenas. Australia.

Referências

ALLPORT, G. **The 1zature of prejudice**. Cambridge, Massachusetts: Addison-Wesley, 1954.

DUNSTAN, D. Aboriginal land title and employment in South Australia. In: SHARP, I. G.; TATZ, C. (eds.). **Aborigines in the economy: employment, wages and training**. Brisbane: Jacaranda Press, 1966, p. 314-26.

DIIRRENMATT, F. **The execution of justice**. London: Picador, 1990.

EVANS, R.; SAUNDERS, K.; CRONIN, K. **Race relations in colonial Queensland: a history of exclusion, exploitation and extermination**. St Lucia: University of Queensland Press, 1988.

GALE, C. F. **Report of the chief protector**. Western Australia Parliament, Votes and Proceedings, vol. 2, 1909.

GEORGAKIS, S.; RUSSEL, K. (eds.). **Youth sport in Australia**. University of Sydney Press, 2011, p. 133-148.

MESTON, A. **Report on the aboriginals of Queensland**. Queensland Parliament, Votes and Proceedings, IV (85), 1896.

MULVANAY, J.; HARCOURT, R. **Cricket walkabout: the australian aborigines in England.** Melbourne: Macmillan, 1988.

ROWLEY, C. **The destruction of aboriginal society: aboriginal policy and practice.** (vol. 1). Canberra: Australian National University Press, 1970.

SAMSON, D. Culture, 'race' and discrimination in tile 1868 Aboriginal cricket tour of England. **Australian Aboriginal Studies**, 2, 2009, p. 44-60.

SPENCER, B. **Preliminary report on the aboriginals of the Northern Territory.** Commonwealth of Australia, Parliamentary Papers, vol. III, 1913- as part of the Report of the Administrator for the year 1912, 1913.

Tatz, C. **Aboriginal suicide is different: a portrait of life and self-destruction.** Canberra: Aboriginal Studies Press, 2007.

_____. **Genocide in Australia, Research Discussion.** Paper no. 8, Australian Institute of Aboriginal and Torres Strait islander Studies, Canberra, 1999.

_____. **Obstacle race: Aborigines in sport.** Sydney: UNSW Press, 1995.

_____. **Four kinds of dominion: comparative race politics in Australia, Canada, New Zealand and South Africa,** inaugural public lecture, University of New England, 1972.

_____. **Aboriginal administration in the Northern Territory of Australia.** Unpublished PhD thesis, Australian National University, Canberra, 1964.

.....
Recebido em: 29/08/2011

Revisado em: 25/09/2011

Aprovado em: 20/12/2011

Endereço para correspondência

colintatz@gmail.com

Colin Tatz

Australian National University

Canberra ACT 0200 - Australia